

O circuito entre as trabalhadoras domésticas e as trabalhadoras terceirizadas da área de limpeza e conservação

Maria Rita Rocha de Andrade

Introdução

Duas categorias profissionais são aqui estudadas, a partir da circularidade entre elas: trabalhadoras domésticas e terceirizadas da limpeza. Trata-se de categorias invisibilizadas, por serem pouco estudadas, constituídas por mulheres jovens e pobres, com baixa escolaridade e qualificação profissional. Além disso, desempenham um papel que é historicamente abjeto e desprestigiado: a limpeza e os cuidados com pessoas e ambientes. É comum encontrar terceirizadas que foram domésticas, pois se habilitam para ambas as tarefas devido ao estereótipo patriarcal sobre ser mulher, sendo delas esperado o mero cumprimento de atividades associadas à dita natureza feminina. Mesmo com o avanço em relação à inserção das mulheres no mercado de trabalho, o acesso a algumas profissões faz-se dentro da lógica conservadora sobre o seu lugar e função social. Os objetivos foram: investigar as trajetórias entre domésticas e terceirizadas em serviços de limpeza; identificar as razões e as circunstâncias dessa circularidade e das preferências por determinada categoria; analisar as imagens e percepções das trabalhadoras sobre ambas as profissões e suas relações com o abjeto, assim como articuladas com o ser mulher.

Metodologia

Para alcançá-los, as informantes foram contatadas na Universidade de Brasília via a pesquisa à qual se vincula esta pesquisa e pela estratégia da “bola de neve”, compondo um grupo focal. Ao longo da inserção em campo da autora, para se identificar as participantes do grupo focal, foi feita uma observação acurada do ambiente de trabalho. Essa observação foi registrada em caderno de campo, assim como o grupo focal foi gravado, com a devida permissão das participantes, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Também se utilizou, como apoio à discussão dos dados, os resultados obtidos pela pesquisa mais ampla.

Resultados

Verificou-se que a grande maioria das terceirizadas, que já foi doméstica, considera o seu atual trabalho, apesar de tão cansativo quanto o trabalho doméstico e de desenvolverem atividades semelhantes, bem melhor. Mesmo havendo superiores, chamados de encarregados-as, que acompanham e fiscalizam suas atividades cotidianas de modo bastante próximo e rigoroso, elas possuem mais autonomia sobre seu serviço. Não voltariam a ser trabalhadoras domésticas, pois sentem-se muito exploradas e humilhadas nas «casas de família». Outro fator importante, que integra a comparação entre as profissões, são os direitos. Embora estes sejam frequentemente desrespeitados no trabalho terceirizado, possuem FGTS, 13º salário, férias e trabalham somente de segunda à sexta, além de retornarem para suas casas ao final do expediente, o qual tem horário fixo para o término e o almoço.

Discussão/Conclusão

O trabalho de terceirizada e o de doméstica demandam grande esforço físico e emocional, bem como são historicamente desvalorizados. Contudo, há uma hierarquia em termos de prestígio e autonomia entre eles, tendo a terceirizada melhores condições laborais e reconhecimento social. Elas se encontram em grupos de pares no cotidiano, não sentem violência interpessoal tão intensamente como em espaços privados e possuem maior controle do tempo. Logo, o reforço à constituição da subjetividade das terceirizadas de modo positivado ocorre por adentrarem à cena profissional pelos direitos assegurados e novas relações sociais de trabalho, reconstruindo-as numa posição diferente no mundo. Contudo, nota-se que é desnecessária a formação especializada para ambas as categorias, sendo sua mão-de-obra habilitada simplesmente pelo estereótipo patriarcal do ser mulher, associando suas funções à dita natureza feminina, o que lhes mantém em lugar precário e desqualificado socialmente.

Palavras-Chaves (até três termos)

Gênero, trabalho, domésticas.

Referências Bibliográficas

BICKMAN, L. & ROG, D.J. *Handbook of applied social research methods*. Thousand Oaks, Sage, 1997.

COHEN, Y. História Oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as ciências sociais? Ciências Sociais Hoje. São Paulo, 1993.

DIOGO, M. F., & COUTINHO, M. C. *A dialética da inclusão/ exclusão e o trabalho feminino*. Revista Interações, 9 (21): 2006, 121-142.

DIOGO, M. F., & MAHEIRIE, K.. *De balde e vassoura na mão: os sentidos que mulheres serventes de limpeza atribuem aos seus trabalhos*. Revista Mal Estar e Subjetividades. 2007.

FONSECA, T. M. G. Gênero, subjetividade e trabalho. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Maria Elair; BARBOSA, Eduardo. *A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos*. Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais. 1999.